



UM **MILAGRE** EM
MINHA Celso Cathcart Jr.
VIDA

Copyright © Celso Cathcart Jr.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão do autor. Todo o conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do autor.

EDITORA SCHOBA

Rua dos Andradas, 834 – Centro – Itu – São Paulo – Brasil

CEP: 13.300-170

Fone/Fax: +55 (11) 2429.8990

E-mail: atendimento@gruposchoba.com.br

www.editoraschoba.com.br

**CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ**

C354u

Cathcart Jr., Celso, 1992-
Um milagre em minha vida / Celso Cathcart Jr. - 1. ed. - Salto, SP :
Schoba, 2015.
872 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-8013-402-5

1. Cathcart, Silvia, 1980-2013. 2. Mulheres - Biografia. I. Título.

15-23339

CDD: 920.72

CDU: 929-055.2





PRÓLOGO

18 DE ABRIL DE 2014, ÀS 11H56.

“Escreva um livro relatando os milagres que fiz na vida da Silvia, com o qual me glorificará!”

E foi com essas palavras que Deus me deu a direção um ano atrás. Confesso que nunca fui bom com as palavras, mas para toda direção que nos é dada, por mais difícil que pareça, Ele nos capacita. Não somos mais um em meio a multidão diante dos olhos de Deus, mas cada um de nós é especial para Ele. Não pense que Ele odeia os pecadores, não! Todo pai ama o seu filho e *por nos amar tanto, mandou o seu único filho para morrer na cruz para nos libertar do pecado e as portas do céu então se abririam para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.*

Se estamos aqui hoje é por ter algo que precisa ser terminado, a missão que cada um possui. A vida é uma escola, na qual aprendemos o que é certo e o que é errado. Cabe a nós decidirmos o caminho a seguir. É muito fácil mentir ao invés de dizer a verdade. Desejar o mal das pessoas que guardamos mágoa. Difícil mesmo é perdoar. Obter riqueza enganando as pessoas parece inteligente,

até há uma frase que diz: “O mundo é dos espertos”. E eu concordo, porém, digo: “O céu herdarão os justos”.

O que é a vida aqui senão a eternidade que nos espera na glória...

Por isso que lhe digo: “Vale a pena fazer o bem”. Ser honesto não é ser bobo. Dizer sempre a verdade e não guardar nenhum sentimento ruim em nosso coração. Sei que é difícil. Lutas virão contra a nossa vida e todas elas nós podemos vencer, pois *Deus não dá o fardo maior do que você possa carregar; se há luta, não se esqueça: haverá vitória, se persistir.*

Foi assim na vida de uma jovem mulher que descobriu uma fé que nem mesmo ela tinha o conhecimento da existência. Lutas e mais lutas vieram sobre a sua vida, mas ela lutou e persistiu, sem negar a Deus em nenhuma delas. Todos aqueles que acompanharam de perto a sua luta puderam perceber o agir de Deus na vida da moça. Para ficar melhor a compreensão, eu irei narrar desde o início para você, leitor, compreender que não existe coincidência e que Deus trabalha nos mínimos detalhes. Conheçam a história emocionante de *Silvia Cathcart...*



Silvia Cathcart, 31 anos. 14 de agosto de 2011.



CAPÍTULO 1
ONDE TUDO
COMEÇOU...

JAPÃO, HOSPITAL UNIVERSITÁRIO,
18 DE JUNHO DE 2013, ÀS 21H06.

— *A doença da Silvia é uma doença rara, degenerativa — explicou o Dr. Sakurai para os familiares da paciente. — Um em cada cem mil indivíduos é detectado com essa doença, não só no Japão, mas em outros países, como também no Brasil, sendo a maioria do sexo feminino. Aqui no Hospital Universitário, normalmente, todos os pacientes que são diagnosticados com essa doença, nesse estado, são encaminhados pra cá! Além da Silvia, temos vários outros.*

— *E quanto aos medicamentos, teria outra possibilidade de tratamento? — perguntou Braz, o noivo abatido.*

— *Infelizmente não há cura. O que podemos fazer é controlar a doença e seus efeitos com os medicamentos! — explicou o médico. — Em todo caso, são utilizados os esteroides.*

— *É estranho, não é? — questionou Braz. — Eu trago a mi-*

nha mulher bem aqui e vou tirá-la neste estado? — revoltado.

— Peço desculpas! — disse Sakurai, curvando a cabeça. — Eu e minha equipe fizemos o possível para que esta circunstância não chegasse...

— E todos acabam dessa maneira? — perguntou Simone, a irmã desesperada, enquanto enxugava as lágrimas no lenço.

— Não exatamente... — explicou Sakurai. — A doença da Silvia progrediu muito rápido. Desde o princípio, nas consultas, eu senti uma dificuldade de controlar a doença. Mesmo aumentando a dosagem dos medicamentos, não foi possível estabilizá-la. Agora, na maioria dos casos, é possível estabilizar, porém, é necessário sempre que os pacientes façam os exames.

— Então, desde o início, o doutor já previa isso? — questionou Simone, surpresa.

— Sim! — confirmou Sakurai. — Desde o ano passado, eu já imaginava que chegaríamos a essa conversa em breve, pois, como disse, se pudéssemos classificar o nível da doença da Silvia, seria o mais avançado.

Infelizmente, naquele momento a família da paciente estava tão abatida, que não conseguia elaborar suas perguntas.

— Mais nenhuma? — perguntou o médico.

Juninho estava tão assustado que não conseguia raciocinar, apenas chorava pensando no estado crítico da saúde de sua irmã.

Visto que os familiares não se pronunciaram, aproveitou para lembrá-los:

— Queria ressaltar mais uma vez: para deixar claro, de hoje até o restante dos dias, é provável que será difícil suportar observar a mudança na coloração das mãos e nas pernas da Silvia. Por isso, volto a insistir: o melhor a se fazer no momento é desligar o aparelho, pelo bem dela e o de vocês! — insistiu.

— Não! — disparou Vera, a mãe esperançosa. — Enquanto a minha filha estiver viva, quero que permaneça com o aparelho! — E justificou: — Se há vida, há esperança.

• • •

ALGUNS MINUTOS ANTES...

Enquanto seguiam em direção à porta de vidro, a enfermeira ia na frente, direcionando os familiares. Logo atrás, seguiam Roberto, Braz e Juninho, a passos largos, apavorados com o que poderiam escutar dos lábios do Dr. Sakurai. Elô foi ao lado de Fernandes enquanto abraçava Simone, que não parava de chorar. Vera, com as pernas bambas, caminhava apoiada em Nelson. Foi quando Guilherme se aproximou e disse a ela:

— Dona Vera, se o médico perguntar se pode desligar algum aparelho porque não há mais esperança, negue! Pois, pra Deus, nada é impossível! Devemos crer no milagre!

— Amém! — concordou aquela mãe, em lágrimas.

• • •

Um lugar escuro, com pouca iluminação. Não era quente nem frio. Não havia o menor ruído. Não se ouvia nem mesmo o som dos passos, tampouco o som da respiração e do batimento cardíaco. Era um silêncio absoluto. À sua frente, não se via nada. Só sabia que não estava imersa na escuridão porque procurou suas mãos e conseguiu vê-las. Seu tronco e seus pés estavam igualmente iluminados. Arriscou dar alguns passos, apesar de temer perder o foco da luz. Afinal, não poderia ficar ali para sempre. Mas, diferente do que imaginava, a iluminação continuou sobre ela. Então, ergueu os olhos e viu a luz forte e dourada acima de sua cabeça.

Enquanto caminhava, Silvia olhava atentamente ao seu redor, tentando compreender o que estava se passando. “Gente, onde eu estou?”, perguntou-se. Era como se o tempo tivesse parado. Uma sensação de paz e, ao mesmo tempo, confusão. Tudo era muito real para se tratar de um simples sonho. A cada passo que dava, movia as mãos ao redor para não tropeçar em nada. À sua volta,

muros, não de concreto. Quanto mais caminhava, percebia que não chegava a lugar algum, era como um labirinto. Bastaram poucos passos para se perder na imensidão do vale. Não havia fim.

— Mãe! — chamou Silvia, completamente perdida. — Braz! Simone! Ju!

Apesar de pronunciar os nomes, não se ouvia o som da sua voz.

“Onde estou, meu Deus?”, perguntou-se.

Quando, de longe, avistou uma pessoa, Silvia foi correndo ao seu encontro. Assim que se aproximou, ficou surpresa com a pessoa que viu.

— Sou eu?! — pasma. — O que está acontecendo?

Sua imagem não lhe deu ouvidos. Aos poucos, o cenário começou a mudar e a cada canto que olhava na imensidão do labirinto, via a história da sua vida, desde o início, onde tudo começou...

• • •

BRASIL, CAMPO GRANDE/MS, 1980.

— Marta! — disse a jovem moça à sua irmã mais velha. — Estou grávida! — em um tom de preocupação.

— A mamãe e o Celso já sabem? — perguntou sua irmã, referindo-se ao namorado dela.

— Não! — respondeu Vera, com receio. — Eu tenho medo de contar, Marta. Não sei o que fazer... — confusa.

— Calma, Vera, eu vou ajudar! Vai dar tudo certo, você vai ver!

A apreensão já era esperada, afinal, era o início da década de oitenta, quando os bons costumes e o conservadorismo eram mantidos. Os filhos deveriam vir depois do casamento. Uma moça jovem, grávida antes do casamento, era um motivo de falatório na cidade. Apesar de não serem casados, Vera, de 18 anos de idade, tinha um relacionamento sério com o jovem Celso, de mesma idade.

Vera tinha o cabelo volumoso, negro, tendência dos anos 80. Suas saias e calças eram todas de cintura alta. Já Celso se

espelhava no seu ídolo John Travolta tanto nas vestes, quanto no jeito de dançar.

Os dois jovens se conheceram na discoteca que frequentavam, ao som de *You're the one that I want, Summer Nights*, de John Travolta e Olivia Newton John. Celso assistiu diversas vezes ao filme *Grease*, de 1978, até decorar toda a coreografia.

Celso Cathcart, assim como a dança, era apaixonado por arte. Sempre gostara de escrever e também de desenhar... Mas de todos os seus passatempos, seu preferido era as artes marciais. A origem do seu sobrenome, Cathcart, era um mistério.

Já Vera Shinzato era uma moça simples e humilde. Começou a ajudar sua mãe na chácara da família desde muito pequena. Quando jovem, estudava à noite e trabalhava de dia. Uma rotina cansativa...

Após se conhecerem, os dois iniciaram um namoro, até Vera decidir contar a ele sobre sua gravidez. Celso ficou surpreso, sem reação no momento, mas foi se acostumando com a ideia. A pessoa a quem Vera mais temia em contar era sua mãe, Laurinda, que acabou aceitando sem nenhum alvoroço. E alertou:

— Tratem do nascimento do filho!

Laurinda tinha 43 anos de idade. Seu cabelo era curto e encaracolado e trabalhava na feira junto com seu esposo Socin. Ambos eram descendentes de Okinawa, uma ilha ao sul do Japão. Antes mesmo de nascer, em seus pais vieram ao Brasil para trabalhar.

Laurinda e Socin tiveram seis filhos. O mais velho era Vicente, de 23 anos de idade, sério e reservado. Marta tinha 20 anos de idade, era uma jovem moça de personalidade forte, sempre dizia o que pensava. Vera não reclamava da vida, preferia ficar em seu canto. Lígia, de 16 anos, era quieta e caprichosa com tudo que fazia. Antônio, conhecido como Toninho, com 13 anos de idade, não era quieto, mas também estava longe de ser extrovertido. Adriana, apelidada de Adri, tinha 10 anos de idade e, como era a caçula foi a mais mimada dos filhos, sempre muito divertida.

EM 31 DE OUTUBRO DE 1980,
VERA E CELSO SE CASAM.

Após o casamento, Vera passou a viver junto com seu marido na casa de sua sogra, Rosita, e seu esposo, João Nilo Cathcart. Rosita era uma mulher fina, elegante e vaidosa, seus calçados favoritos eram os de salto alto. Suas unhas estavam sempre impecáveis. Extrovertida, Rosita sempre gostou de sair e se dava muito bem com a sua nora.

Conforme os meses foram passando, trabalhar começou a ficar exaustivo para a futura mamãe, devido à gravidez. Seu trabalho era na loja de câmeras fotográficas, onde tirava cópias de documentos. Seu marido, Celso, trabalhava em vários serviços. Para suprir os gastos que uma criança teria, todo esforço era válido. O casal vivia uma grande experiência e esperava ansiosamente pelo nascimento do seu primeiro filho... Ou melhor, filha. Celso, que desejava um menino, acabou se alegrando com a notícia. O importante mesmo, para o pai, era que viesse com saúde.

Nas reuniões de família, um dos assuntos abordados era o nome que a filha de Vera teria. Vários nomes eram sugeridos e, de longe, uma voz de criança disse:

— Eu gosto de Silvia.

— Silvia? — questionou Vera à sua irmã caçula Adri.

— Eu acho... Porque dá para chamar de Silvinha — justificou a pequena.

Aquele nome soou muito bem aos ouvidos da futura mãe, que logo foi pedir a opinião da sua cunhada Mariza:

— A Adri gosta de Silvia — comentou Vera.

— Eu gostei de Silvia! — concordou Mariza, a irmã mais velha de Celso.

“Desde o ventre de sua mãe, Deus a escolheu para uma missão que mudaria a vida daquela família.”

No dia 25 de novembro de 1980, a pequena Silvia veio ao mundo. Quando Vera a viu pela primeira vez, entendeu, então, o

sentimento do amor materno. A vontade de proteger aquele pequeno bebê era intensa, um amor que nunca sentira antes. O pai ficou feliz e orgulhoso e agradeceu a Deus pela sua filha ter nascido saudável.

Não muito longe dali, sua irmã mais velha, Marta, estava repousando em outro hospital, pois tinha também dado à luz, um dia antes, a uma linda menina chamada Vivian. Era seu segundo filho. Há um ano tinha dado à luz a um menino chamado Rodrigo.

Por já ter tido experiência, Marta pôde ajudar sua irmã dando vários conselhos a ela.

Silvia era um bebê muito precoce. No seu segundo mês já havia nascido seus dentes de leite. Sua tia Mariza, ao perceber, foi correndo contar à cunhada e deu à sua sobrinha um pingente de ouro, pois acreditava que a primeira pessoa que a visse teria que presentear-la com algum objeto de ouro.

Logo no segundo mês, Vera passou a dar caldo de feijão a sua filha.

E no sétimo mês, Silvia já dava seus primeiros passos. Em menos de um ano, já conseguia se comunicar.

Vera e Celso trabalhavam a maior parte do dia. Então, deixavam todas as manhãs a pequena Silvia na casa dos avós Laurinda e Socin. Junto, moravam os tios de Silvia, Lígia, Adri, Vicente e Toninho. Todos gostavam muito da presença da pequena Silvia, principalmente seu tio mais velho, Vicente, que, embora sério, sempre teve um carinho especial pela pequena. Laurinda tratava sua neta como se fosse sua própria filha. Na hora em que seus pais passavam para buscá-la, a pequena abria a boca e chorava para não partir.

Aos 7 anos de idade, Silvia brincava com seus brinquedos na casa de seus avós paternos. Suas bochechas eram cheias e rosadas, seus cabelos, lisos e com franja. Foi quando ouviu o chamado de sua mãe:

— Silvia! Pegue o remédio da sua avó Rosita na mesa.

A pequena fez como foi pedido e levou os medicamentos

para sua mãe. Vera, cuidadosamente, ajudou sua sogra com o medicamento.

— Aqui está, Dona Rosita — disse Vera, entregando-o à sua sogra.

Rosita, então, parou o crochê.

— Agora beba a água.

Com as mãos trêmulas, Rosita pegou o copo de água e bebeu para ingerir o medicamento.

Silvia, curiosa, perguntou à sua avó:

— Vovó, o que você tem?

— Você é muito nova pra saber, Silvia — disse sua mãe.

Sua avó, com o rosto arredondado devido aos antibióticos, sorriu e disse:

— Nem eu sei direito...

Rosita não parecia ser a mulher que sempre fora. Desde que ficou enferma, seus olhos não transmitiam mais o brilho que sempre tiveram. Começou a sentir fortes dores nas juntas e foi buscar ajuda. Seu filho Celso sempre a levava às consultas no Hospital Universitário da cidade.

— Celso, é muito importante que sua mãe se cuide. Devido ao corticóide, a imunidade da sua mãe está muito baixa, podendo agravar para outras doenças — explicou a Dra. Lígia em seu consultório.

Sua paciente, Rosita, tinha a Doença de Raynaud, dermatomiosite, e lúpus.

Em 19 de abril de 1992, três meses após Vera dar à luz ao seu terceiro filho, Rosita, com 58 anos de idade, acabou não resistindo. A causa foi: “choque séptico, pneumonia, esclerodermia e insuficiência respiratória”.

Todos os familiares ficaram abalados, inclusive Celso e Vera, que sentiram muito a perda.

• • •

Todo aniversário, Silvia festejava ao lado de sua prima Vivian, filha de Marta. As duas sempre disputavam para ver quem soprava mais velas. Mais que primas, as duas eram amigas, sempre juntas. Rodrigo, irmão de Vivian, não ficava de fora. Os três não se desgrudavam. Foi assim durante toda a infância até a adolescência...

Em uma manhã como as outras, o espelho refletia a imagem de uma jovem menina no início de sua adolescência. O pente passava pelos longos cabelos negros. Às vezes enroscava, pois não eram lisos nem cacheados. Em seu rosto, um grande óculos que chamava a atenção, preto e quadrado. Atrás dele, olhos profundos e tristes, que mostravam a insegurança da jovem. Suas sobrancelhas eram grossas e descuidadas. Toda vez que se olhava no espelho, seus olhos desviavam da imagem que refletia. Não era agradável de se ver e pensava: “Por que sou feia e gorda?”

Uma voz que vinha da sala dizia:

— Silvia, está pronta? Seu pai já está no carro! — era a voz de sua mãe.

A jovem se assustou e largou o pente em cima da cama onde se assentava e saiu rapidamente do quarto que dividia com a sua irmã Simone, de 5 anos.

Ao passar pela sala, sua mãe estava amamentando o seu irmão caçula, com cinco meses de vida. Todos o chamavam de Juninho. Vera, observando a pressa de sua filha, perguntou:

— Não está se esquecendo de nada?

— Não, mãe — respondeu Silvia, indo às pressas para a porta.

— Bom estudo!

— Tchau, mãe! Tchau, Ju! — despediu-se saindo de casa e indo em direção ao carro de seu pai.

O veículo era um Fusca acinzentado, simples e humilde. O verão era o pior dia para sair com o Fusca, já que as janelas não abriam por completo. Todo ano a família viajava ao Paraguai para fazer compras e Silvia morria de vergonha.

Debruçada na janela do carro, estava sua irmã do meio, Simone. Seus cabelos eram lisos e longos, na altura da cintura, e

uma franja cobria sua testa. Usava um arco na cabeça para segurar os cabelos.

Quando tinha 5 anos, Silvia tirava sua irmã recém-nascida do berço sem que ninguém visse e a levava no colo para dar uma volta no quarteirão. Vera, quando percebia, ficava apavorada e ia às pressas em busca de sua filha. Apesar de criança, Silvia era muito forte. Sempre teve seu rosto levemente arredondado. Tombava o butijão de gás e rolava-o pela casa.

Assim que Silvia se aproximou do carro, sua irmã perguntou:

— Por que você demorou tanto? A gente vai se atrasar!

Sem dar atenção, Silvia entrou rapidamente no carro.

As duas irmãs tinham uma relação saudável. Algumas vezes, as duas competiam pela atenção de seus pais. Havia horas em que estavam tranquilas, em outras, se estranhavam.

No meio do caminho para a escola, Celso parou o carro na casa de sua cunhada Marta para levar também seus sobrinhos à escola. Rodrigo e Vivian ficavam muito felizes, pois não tinham o costume de ir até a escola de carro. Sempre iam de ônibus. Já Silvia, na maioria das vezes era sua mãe que a levava. O Fusca ia apertado devido ao número de pessoas.

Quando se aproximaram da escola, disparou Silvia ao seu pai:

— Pare aqui! — ansiosa. Ao ouvir, seu primo Rodrigo resmungou:

— Ah, não! Já que viemos de carro, para na porta da escola, tio!

A pequena Simone concordou, animada, com seu primo e ficou repetindo:

— Na porta! Na porta!

— Fique quieta, Simone! — disse Silvia, zangada.

— Mas, Silvia, o que tem de mais em parar próximo ao portão? — questionou Vivian, sem compreender.

— Eu passo vergonha com esse Fusca... — justificou Silvia à sua prima Vivian, em um tom baixo para o seu pai não ouvir. — Está caindo aos pedaços!

Celso ignorou o pedido de Silvia. No fundo, tinha consciência de que sua filha passava vergonha, mas mesmo assim decidiu parar em frente ao portão.

Silvia saiu de cabeça baixa do veículo e fechou a porta com força. Seu pai, para se despedir, abriu a janela e disse em voz alta, acenando:

— Bom estudo, minha filha!

A pequena Simone, sorridente, acenou de volta para o seu pai. Já Silvia, não olhou para trás, abraçou sua mochila como se quisesse se esconder por trás dela e continuou andando de cabeça baixa, envergonhada, sem olhar para os lados.

— O que foi, Silvia? — perguntou seu primo Rodrigo.

— Meu pai... — respondeu ela, envergonhada. — Sempre que me traz, faz questão de parar na frente da escola. Eu morro de vergonha, ele sempre faz isso e todo mundo fica olhando pra mim, eu não gosto!

— Olhando pra você?! — questionou seu primo, rindo. — Ninguém está nem aí pra você!

— Ai, Silvia, quem me dera se todos os dias eu tivesse alguém pra me deixar na porta da escola... — disse sua prima Vivian. — Eu não me importaria de vir de Fusca.

— Está bem! — respondeu Silvia, já sem paciência, cortando o assunto. — Agora vamos entrar antes que toque o sinal.

Na sala de aula havia bastantes janelas. As paredes eram todas de tijolos. Pela aparência da sala, era de se notar que se tratava de uma escola particular, apesar da situação financeira dos seus pais não ser das melhores.

Celso sempre dizia que a educação era fundamental e que faria de tudo para dar o melhor para seus filhos.

Silvia sentava na primeira fileira, ao lado da parede. Suas roupas eram sempre largas, para não marcarem seu corpo. Era um exemplo de aluna, estudiosa. Suas notas eram sempre as melhores. Colar na prova era algo que passava longe da sua imaginação, e também não havia necessidade, já que suas notas eram sempre

acima da média.

Seu lugar favorito para assistir às aulas era as carteiras da frente, onde tinha mais concentração e interagiria menos com os colegas de sala. Não que eles não gostassem, mas apenas em receber o olhar, Silvia já morria de vergonha, devido ao complexo que tinha com o seu peso. Preferia se isolar. Tinha poucas amigas. A amiga pela qual tinha mais consideração era Andrea, pois estudaram juntas desde o primeiro ano.

Quando o professor perguntava sobre alguma questão, sua garganta coçava para responder, mas sabia que, se erguesse sua mão, chamaria a atenção de todos os seus colegas de sala. O melhor a se fazer era permanecer calada.

Faltar à escola era algo que não passava pela sua mente. Até nos dias em que amanhecia febril, fazia questão de marcar presença na sala. Estudar, para ela, não era apenas para ganhar conhecimento, mas para ocupar sua mente e esquecer o que a entristecia: sua aparência física.

Ao tocar o sinal do intervalo, Silvia saía de sua sala e ia ao encontro de seus primos. Os três usavam grandes óculos de grau. A diferença era que Rodrigo e Vivian eram extremamente magros. Os três tinham complexo com sua forma física. Dos três, Vivian era a mais descontraída. Já Rodrigo sofria *bullying* desde a infância. Talvez, por isso, ele sentia mais intimidade com sua prima do que com a sua própria irmã, pois guardavam o mesmo sentimento. Silvia, por outro lado, não sofria *bullying* de seus colegas de sala em relação ao seu peso, mas sofria por si mesma. Para ela, todos estavam rindo de sua cara e apelidando-na de nomes ofensivos. Porém, a realidade era diferente. No fundo, todos a adoravam, a única pessoa que a rejeitava, era ela mesma.

Aos finais de semanas, sua prima Vivian sempre a convidava para sair. Porém, Silvia sempre acabava negando. No fundo, tinha vontade de fazer como os jovens da sua idade, mas a vergonha de si era extrema. Seu círculo de amizades era o mesmo de seus primos.

Vivian, por ser mais descontraída, fazia amizade com facili-

dade e apresentava aos dois.

Sempre que os três iam à casa de seus parentes “bem de vida”, ficavam admirando todos aqueles brinquedos. Silvia, quando ganhava uma boneca, após brincar, guardava rapidamente na embalagem, para conservá-la. Tinha um cuidado especial com seus objetos. Adorava fazer coleções, principalmente de lápis e canetas. Sempre foi muito organizada.

Uma atividade indispensável era o karatê, do qual seu próprio pai era professor. Vivian, Rodrigo e Simone também faziam parte do grupo de alunos do professor Celso.

Silvia sempre gostou de participar dos jogos de vôlei; apesar de não jogar, gostava apenas de assistir. Suas tias sempre marcavam de jogar vôlei com a comunidade japonesa.

— Oi, Maísa! — cumprimentou Vera. — E a sua mãe?

— Ela já chegou, deve estar por aí! — respondeu a jovem. Maísa não era alta, tinha o cabelo comprido e usava um rabo de cavalo. — E você, Silvia, não vai jogar?

— Não... — respondeu ela, envergonhada.

No fundo, o que Silvia mais desejava era poder usar o uniforme tamanho P e participar do jogo. Mas preferia ficar sentada e quietinha. Pensava: “Se eu for jogar, é capaz de me confundirem com a bola...”

• • •

Seus pais trabalharam muito e, em 1994, surgiu uma proposta de emprego no Japão. Financeiramente, a proposta era ótima, e foram com o objetivo de retornarem em menos de um ano. Seus filhos, no Brasil, ficaram aos cuidados de Laurinda.

Laurinda estava em sua cozinha, preparando mais um de seus deliciosos pratos japoneses para vender na feira, quando ouviu a porta se abrindo. Tutty, o pinscher de Vera que ficava aos cuidados de Laurinda, saiu disparado para receber a visita, saltitando e latindo.

— Oi, vó! — cumprimentou Silvia entrando na cozinha. — O que tem pra comer? — abrindo as tampas das panelas do fogão.

— Tem arroz e feijão que o vô Socin fez. Sente-se que eu irei servir! — respondeu Laurinda, sorridente.

Silvia se alegrou e foi correndo sentar à mesa. Sua fome era tanta, que tirou sua mochila e a deixou no chão. Era o momento que mais gostava: a hora de comer.

Apesar de simples, era o seu prato favorito. Em sua opinião, o melhor cozinheiro do prato era seu avô.

Após Laurinda servir sua neta, retornou à cozinha e, de lá, ouviu o chamado de Silvia:

— Quero mais! — em alto e bom som.

— Mas já comeu, Silvia?! — disse Laurinda, surpresa.

— Me deixe, vó... — resmungou sua neta.

Laurinda se aproximou dela e fez uma proposta:

— Silvia, vamos fazer regime? Você não me deixa comer e eu não deixo você comer! Aí, faremos uma aposta, o que acha?

— Mas você sempre rouba de mim!

— Não! Mas desta vez é sério!

— Sei... — comentou Silvia, desconfiada, de sobrancelhas franzidas. — Então me deixe repetir pela última vez.

Laurinda foi até a cozinha e fez um prato caprichado para sua neta, quase transbordando, e sentou-se ao seu lado.

— Silvia, eu já lhe disse que eu lhe considero uma filha? — comentou Laurinda.

— Várias vezes... — respondeu Silvia, com a colher na boca.

— E você é a minha preferida! — sorrindo.

Em seguida, Adri, filha caçula de Laurinda, chegou em casa. Laurinda, ao perceber a presença da filha, fez um gesto de silêncio para sua neta e cochichou:

— É o nosso segredo.

Nesse mesmo dia, mais tarde, Rodrigo e Vivian passaram na casa de sua avó para uma visita.

Sua tia Adri interagiu com os sobrinhos, por não terem tanta

diferença de idade. Tinham facilidade em se comunicar, uma relação entre tapas e beijos. Chegaram até a gravar uma música, e Adri orientava seus sobrinhos, dizendo por diversas vezes:

— De novo, e mais firmeza na voz!

Seus sobrinhos reclamavam bastante, mas no fundo, gostavam da sua “tia-irmã”.

Enquanto todos se distraíam, Silvia foi sutilmente até a geladeira, na ponta dos pés. Sua missão era não deixar que sua avó percebesse. Abriu cuidadosamente a geladeira, sem que fizesse um ruído. Quando ouviu a voz de alguém por trás, dizendo:

— Silvia, o que você está fazendo? — perguntou Vivian. — Você não tinha combinado com a vó que vocês estavam de regime?

— Fale baixo! — disse Silvia, com a mão em seu peito, devido ao susto que havia levado. E entregou à sua prima os doces. — Segure! Vamos levar para o Rodrigo também. Vai na frente! E se a vó estiver lá, você me fala.

Ao anoitecer, enquanto todos dormiam, era a vez de Laurinda atacar a geladeira.

Era a hora perfeita, pois não havia cúmplices. Do fundo da geladeira, retirou um bolo que ela mesma havia feito e fez questão de esconder para sua neta não devorar sozinha.

Mitchan, cunhada de Laurinda, incentivava Silvia a fazer caminhada pela calçada.

— Vamos sentar? — perguntava Silvia, exausta.

— Mais um pouquinho! — insistiu Mitchan.

No meio da caminhada, sugeriu Silvia:

— Vamos tomar uma água de coco?

— Está bem!

Após alguns passos, ao avistar um pipoqueiro, Silvia sugeriu novamente:

— Que tal comermos uma pipoca?

— Você não estava de regime?! — comentou Mitchan. — Até apostou com a sua avó. E a caminhada?

— Por favor! Só um... — insistiu, com os olhos brilhando.

Ao mesmo tempo em que Silvia queimava as calorias, tratava de repor as que havia perdido. Por mais que tentasse, era impossível ficar sem comer.

Em um dos ataques à geladeira, na calada das noite, Silvia e Laurinda se flagraram quebrando o acordo, como já haviam feito por diversas vezes no passado.

— Sabia que você estava roubando, vó! — disparou Silvia, indignada. — Por isso você nunca emagrece!

— E o que você está fazendo aqui? — questionou Laurinda, franzindo os olhos, que ficavam por trás do seu óculos.

• • •

Silvia ajudava sua avó nos preparativos para a feira. Com uma de suas mãos enrolava os docinhos e com a outra devorava.

— Silvia, se você ficar comendo desse jeito, o que a vó irá levar para a feira? — questionou Laurinda.

— Então não me chame para ajudar! — justificou sua neta.

As duas sempre se divertiam juntas, sem cerimônia, falavam o que pensavam.

Assim que Vera e Celso retornaram do Brasil, resolveram passar uma temporada na casa de Marta e seus filhos passaram a conviver juntos por mais tempo.

Vivian e Silvia não perdiam uma partida sequer do seu time de futebol na televisão e quando ele perdia, saíam aos prantos.

As duas adoravam admirar os jogadores. Era a fase do “gostar”. Vivian vivia pendurada em sua sacada para ver o menino que gostava. Silvia, observando sua prima, acabava também gostando do mesmo menino. As duas não se incomodavam com essa situação, mas gostavam de compartilhar esses momentos juntas. Silvia, porém, tinha um em especial.

Vivian começou a ensinar sua prima a andar de ônibus, apesar do receio que Silvia sentia de que alguém fizesse algo em relação a ela. Toda vez que percebia alguém que para ela seria suspeito, rapi-

damente mudava de calçada. Uma menina amedrontada e insegura.

Um dos motivos que levou Silvia a se interessar em andar de ônibus era pelo menino que gostava, mestiço e bonito. Silvia sabia exatamente os horários em que ele pegava o ônibus.

Um dia, enquanto ia ao shopping com a sua prima de transporte público, o mestiço de que gostava estava sentado no banco da frente. Ao perceber sua presença, Vivian cochichou aos ouvidos de sua prima:

— Olha quem está ali! — cutucando-a com o cotovelo.

Sua expressão facial mudou radicalmente e Silvia esticou o pescoço para poder visualizá-lo melhor. De sorriso estampado, disse à sua prima:

— É o meu namorado... — sussurrou timidamente, com as bochechas rosadas e se encolheu. Na realidade, era apenas um blefe da sua parte. Nem ao menos cumprimentá-lo conseguia direito.

— Você está com sorte, hein? — comentou Vivian, rindo.

— Eu li no horóscopo que, neste mês, eu tenho uma grande chance de encontrar um namorado. Será que é ele? — ansiosa.

— Silvia, todo mês a revista diz isso! — indignada. — Não sei o porquê de você continuar lendo... Já parou pra pensar?

O que Vivian dizia não passava da mais pura verdade. Silvia, no fundo sabia, porém, tinha que buscar segurança em algum lugar, já que não tinha a menor confiança em si mesma.

Ao chegar ao shopping, Vivian foi rapidamente entrando na loja onde trabalhava e estranhou por sua prima não a estar acompanhando. Foi quando Silvia a segurou pelo braço e a puxou, dizendo:

— Vá até lá e veja se tem algo pra mim — discretamente.

— Não, Si! — negou sua prima. — Vamos juntas; as meninas com quem eu trabalho são legais!

— Vá lá por mim, por favor!

— Mas como saberei que roupa comprar?

— Pode ser qualquer uma!

Vivian não negou o pedido de sua prima e foi conferir a loja

para ver se tinha algo que lhe agradasse. Sempre que chegava alguma novidade, separava algumas peças para sua prima que, raramente, devido ao excesso de vergonha do seu corpo, entrava no local para experimentar.

No caminho de volta, Silvia estava longe, olhando a paisagem pela janela e imaginando seu futuro marido. Seu maior sonho, desde criança, era encontrar um príncipe encantado, um homem bondoso, carinhoso e que satisfizesse suas vontades. Romântica, Silvia idealizava um homem perfeito, que a tratasse verdadeiramente como uma princesa. Mas tinha convicção da sua aparência.

“Homens bonitos e gentis se casam com mulheres bonitas e magras...”, pensava, “Será que algum dia alguém vai me querer?”

— Silvia, Silvia, chegamos! — chamou Vivian, cutucando sua prima.

Nos finais de semana, Vivian reunia seus amigos para passar o final de semana em sua casa. Envergonhada, Silvia ia para a cama mais cedo do que de costume, apesar da sua vontade de participar. Os seus amigos sempre perguntavam dela, mas sempre era vencida pelo seu complexo, que a impedia de desfrutar como todos os jovens.

Vivian sempre insistia para sua prima sair à noite com ela, porém, Silvia sempre recusava, justificando que não tinha vestes adequadas. Sentia-se como uma ave presa numa gaiola. Seu desejo era ter liberdade, fazer suas vontades sem se preocupar com o que iriam dizer.

Passaram-se os dias e Vera e Celso resolveram partir para o Japão para trabalhar. Dessa vez, ficariam por mais tempo. Levaram Simone e o pequeno Juninho, com 4 anos. Já Silvia, devido aos estudos, achou melhor terminar o colegial.

No tempo que passou longe de seus pais, passou a morar com seus avós Laurinda e Socin.

Ao terminar os estudos, em dezembro de 1997, resolveu tomar uma decisão:

— Eu irei ao Japão! — decidiu Silvia, determinada.

Sua avó Laurinda, quando soube, ficou aos prantos. Não imaginava como seria a sua vida longe da neta.

— Silvia, volte logo! Não se esqueça da avó! — disse Laurinda, enxugando suas lágrimas.

A decisão que levou Silvia a partir foi a falta que sentia de sua família. Apesar de considerar Laurinda também uma mãe, ficar longe de seus pais e irmãos a deixava triste. Em conversa com o seu pai, que insistiu para que sua filha ficasse e terminasse a faculdade, Silvia negou, apesar de ser uma boa oportunidade para o seu futuro. Maior que isso era a vontade de estar junto novamente de todos. Então, arregaçou suas mangas e fez as malas.

Com 17 anos de idade, Silvia partiu para a Terra do Sol Nascente.